



Outorga do Título de Professor Emérito a

Dino Ficravante Preti



Universitas Paulopolitana

Philosophiae, Litterarum, Scientiarumque
Humanarum Facultas

Ego, Doctores, Junctores Margarida Viltrini Philosophiae Litterarum, Scientiarumque Humanarum Facultatis Moderatrix in Universitate Paulopolitana, cum ad eum vidissem et perlegissem quo ab hujus Facultatis Magistrorum Collegio ante diem iv Kal Jun. anno nono praedictus vir

Dino Fioravante Prefi

Philologiae peritissimus,

Professor Emeritus

rile declaratus est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honoribus privilegiisque cum dignitate sua coherentibus et quidem solemniter collatis tute usi ac perfrui posset.

Hactum Facultatis in Aedibus Paulopoli in Brasilia,
ante diem ix Kal Oct. anno nono.

Margarida Viltrini
Doctores, Junctores Margarida Viltrini
Facultatis Moderatrix

Dino Fioravante Prefi
Magister

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR:

Prof. Dr. João Grandino Rodas

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETORA:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

VICE-DIRETOR:

Prof. Dr. Modesto Florenzano

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

COORDENAÇÃO:

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica da FFLCH

TIRAGEM: 250 exemplares

CERIMÔNIA DE OUTORGA
DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO
PROF. DR. DINO FIORAVANTE PRETI

Data: 23 de setembro de 2010
Horário: 14h30
Local: Salão Nobre - Prédio da Administração
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária

Sumário

ABERTURA 7

PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI

APRESENTAÇÃO 9

PROFA. DRA. IEDA MARIA ALVES

DISCURSO DE SAUDAÇÃO 11

PROF. DR. LUIZ ANTÔNIO DA SILVA


PRONUNCIAMENTO POR OCASIÃO DO RECEBIMENTO DO

TÍTULO DE PROF. EMÉRITO – USP - 2010 19

PROF. DR. DINO PRETI

ABERTURA

DINO PRETI

 Em nome do reitor da USP, Professor Doutor João Grandino Rodas, abro a sessão de outorga do título de Professor Emérito ao Prof. Dr. Dino Fiovarante Preti, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH da USP.

O título de Professor Emérito é concedido pela Congregação aos professores que se salientaram por sua produção acadêmica, entendendo-se por produção acadêmica a dedicação 'a docência e 'a pesquisa.

O primeiro título foi concedido em 1964, ao Prof. Dr. Fernando de Azevedo, da área de Sociologia. O Prof. Dino Preti é o quadragésimo quarto a recebê-lo por seu mérito pela dedicação a docência em nossa Universidade de 1967 a 1995. Graduiu-se em Letras Clássicas (1954). Tornou-se mestre em 1969, doutor em 1972 e livre-docente em 1982. Como podemos observar, frequenta a nossa FFLCH desde o período de sua formação na graduação, tendo-se tornado um nome de referência nos campos da Linguística e da Filologia e da Língua Portuguesa, com numerosas publicações em livros e artigos, além de atuações em coordenações de grupos de pesquisa, dos quais destaco o Projeto NURC/SP (norma urbana culta do Estado de São Paulo).


Sua experiência , sua história na Faculdade e os desdobramentos de suas pesquisas e livros serão mencionados pelos componentes desta mesa. Neste momento faço apenas algumas chamadas, numa espécie de manchete daquilo que se desenvolverá nesta sessão, cujo ar está impregnado de saber e de calor humano, com a presença de professores, ex-alunos, amigos e familiares, que vieram prestigiar esta homenagem da Congregação da FFLCH ao Prof. Dr. Dino Preti.

PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI

Diretora

APRESENTAÇÃO

AGRADECIMENTO

 Em nome do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, expreso meus agradecimentos à Congregação desta Faculdade pela outorga do título de Professor Emérito ao Prof. Dino Preti.

Esse título, definido pelo Estatuto da Universidade de São Paulo no título VIII, artigo 93, como uma dignidade universitária concedida a “professores aposentados que se hajam distinguido por atividades didáticas e de pesquisa ou contribuído, de modo notável, para o progresso da Universidade”, representa uma justa homenagem a um docente que cumpriu um percurso extremamente rico e profícuo na Universidade de São Paulo.

Como colega do Prof. Dino Preti junto à Área de Filologia e Língua Portuguesa, sou testemunha de suas qualidades pessoais e de seu dinamismo profissional, revelados em todas as atividades didáticas, de pesquisa e administrativas que desenvolveu. Como docente, ministrou, ao longo de três décadas, aulas de diferentes disciplinas na Graduação; na pós-graduação, formou vários mestres e doutores, hoje atuantes em várias universidades do País, e contribuiu também, com seus cursos, para a formação de inúmeros pesquisadores dos estudos da gíria e da língua falada. Como pesquisa-

dor, o reconhecimento da qualidade do trabalho do homenageado pode ser traduzido por sua participação, desde a década de 70, na constituição do corpus do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Falada Culta) da cidade de São Paulo, um projeto pioneiro e de referência entre os estudos de língua falada no Brasil; pelo recebimento do Prêmio Jabuti de 1984, na categoria de Ciências Humanas, pela obra *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*, fruto da excelência de sua tese de livre-docência; pela coordenação, desde 1981, do Projeto NURC-SP, responsável pela ministração de vários cursos e conferências e pela publicação da coleção *Projetos Paralelos*, já com 10 volumes publicados; e pelo inequívoco caráter referencial de seus estudos sobre a gíria brasileira. Como participante ativo de atividades administrativas junto à Área e ao Departamento, defendeu sempre com garra e segurança os princípios em que acreditava. Merece especial destaque, dentre as atividades administrativas de que participou, sua atuação como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, de 1988 a 1995, em um período em que esse programa buscava sua consolidação junto à pós-graduação brasileira.

É, pois, uma honra para o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas ter tido o Prof. Dino Preti entre seus docentes. E é, para mim, uma honra e uma alegria participar deste momento solene, em que a Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo confere ao nobre colega e amigo o título de Professor Emérito.

Discurso redigido pela Profa. Dra. Ieda Maria Alves e proferido pelo Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria, representando a chefia do DLCV

PROFA. DRA. IEDA MARIA ALVES

Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

DINO PRETI, A ESTATURA DE UM HOMEM

*P*ara mim, é um grande privilégio fazer parte desta mesa e saudar o homenageado desta tarde.

Permitam-me iniciar esta saudação, por meio de um fragmento das Escrituras Sagradas. O texto faz parte do Livro de Eclesiastes, capítulo terceiro, versículos 1 a 8:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz.

TEMPO DE INICIAR

O texto foi escrito pelo terceiro rei de Israel, Salomão, filho do rei Davi. Esse monarca foi considerado um dos homens mais sábios do mundo. À primeira vista, por causa da minha formação, sou tentado a analisar, com mais profundidade, esse texto, especialmente porque meus olhos, logo, focalizam as antíteses e diversas imagens. Mais ainda, o que levou o autor, um dos reis mais bem sucedidos da época a escrever dessa forma? Qual o significado dessa sequência significativa de antíteses? O momento não é para conjecturas linguísticas, mas para saudar um docente que recebe a honraria máxima desta que é a mais antiga universidade do país. Desejo, apenas, aproveitar a diversidade de opções que o texto bíblico nos oferece. Sei, Também, Prof. Dino, que o referido texto resume inúmeras situações de sua vida acadêmica, pois já houve tempo para inúmeras situações e diferenciadas reações.

TEMPO DE PLANTAR

Dino Fioravante Preti nasceu em São Paulo em 1930. Seus pais Dante Preti e Carolina Radighieri Preti eram filhos de imigrantes italianos. Dino herdou da mãe a inesgotável força para levar adiante um ideal e do pai o gosto por música erudita. Durante muitos anos, costumava reunir-se com seus amigos para ouvir e comentar trechos de óperas e de sinfonias. Sempre teve verdadeira paixão pelo cinema; lê com frequência as críticas cinematográficas e não perde um bom filme.

Começou a trabalhar aos 12 anos como *office boy* de um escritório de advocacia. Nessa ocasião, tinha terminado o antigo curso primário na Escola Estadual Rodrigues Alves, situada na avenida Paulista. Fez um teste no Colégio Dante Alighieri, para conseguir bolsa de estudos, e foi aprovado. Continuando a estudar, cursou a tradicional Escola Técnica de Comércio Álvares Penteado, onde se formou em Contabilidade.

Esse período foi marcado por dificuldades de toda ordem. Enfrentando pro-

blemas financeiros, teve de frequentar cursos noturnos e, para garantir o sustento, trabalhou em escritórios comerciais e na Caixa Econômica Federal durante 18 anos, onde exerceu vários cargos. Já era conhecida na época a perseverança que sempre caracterizou suas atuações.

Em 1951, ingressou na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde, em 1954, formou-se em Letras Clássicas. Nesse período, a vocação pelo magistério foi estimulada pela convivência com um grupo seleto de mestres. Deles, herdou, sobretudo, a lição da dignidade acadêmica e a postura com que exerce e dignifica o magistério e a pesquisa universitária.

Na faculdade, conheceu Áurea Val dos Santos, com quem se casou em 1956. Eles têm dois filhos, Cristina e Mauro, o genro Felício, a nora Ana Lúcia e quatro netos: Rodrigo, Alexandre, Bruna e Luísa.

O magistério passou a ser o seu mundo. Em 1954, iniciou a carreira de professor no Instituto de Educação Américo Brasiliense, em Santo André, e, mais tarde, no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, em São Paulo, outro celeiro de grandes mestres. Trabalhou, também, em três tradicionais colégios de São Paulo: Colégio Dante Alighieri (14 anos), Instituto Mackenzie (10 anos) e Colégio Visconde de Porto Seguro (3 anos).

Em 1967, prestou concurso público de ingresso ao magistério Secundário e Normal, promovido pela Secretaria Estadual de Educação. Foi o primeiro colocado nesse concurso e tomou posse em 1968 no Colégio Estadual do Jardim Helena Maria, em Osasco.

Desse trabalho no ensino fundamental e médio, pôde reunir farto material, que permitiu formular uma didática pessoal de ensino de língua e literatura, dando origem a uma coleção didática de grande sucesso, a partir de 1973: *Aprendendo Português, Vamos Trabalhar!, Português Oral e Escrito*.

Ainda em 1967, iniciou suas atividades no magistério superior, como profes-

sor de Literatura Brasileira, na Universidade Mackenzie. Nesse mesmo ano, foi convidado a fazer parte da área de Comunicação Linguística de uma unidade que estava sendo criada na Universidade de São Paulo: a ECA (Escola de Comunicações e Artes). Com o intuito de dar aos alunos da ECA uma formação linguística bem abrangente, reunindo ensinamentos sobre língua, estilo e literatura, planejou um curso pioneiro, trabalhando com variações de linguagem, registros, dialetos sociais, produção de textos. Dois anos depois, começou a integrar a equipe da área de Filologia e Língua Portuguesa, coordenada pelo Prof. Dr. Segismundo Spina, na, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Em 1969, tornou-se Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, com a dissertação *Camões e a Realidade Histórica*. A experiência do curso na ECA e o contato com uma bibliografia nova sobre Sociolinguística, que começava a chegar ao Brasil, vieram a constituir a base para a pesquisa sobre níveis de linguagem nos diálogos de romances da Literatura Brasileira, tema de sua tese de doutorado, defendida em 1972. Esse trabalho foi publicado em 1973 com o título *Sociolinguística: os níveis de fala*. Atualizada em sucessivas edições, ainda hoje é referência no assunto. A livre-docência veio no final de 1981, fruto de um estudo, de natureza sociolinguística, relacionando o vocabulário aos costumes do Rio de Janeiro do início do século XX. Esse trabalho foi publicado com o título *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. Tal publicação recebeu o Prêmio Jabuti de 1984, categoria Ciências Humanas, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro. A carreira acadêmica atingiu o ápice, quando, em 1988, submeteu-se ao concurso de Titularidade.

O nome do Prof. Dino Preti, frequentemente, está associado a dois tópicos: um deles a gíria. A esse tema dedicou vários estudos e, ainda hoje, é convidado e escrever e a dar conferência sobre esse assunto.

O outro tópico está ligado a um projeto de estudo da língua falada no Brasil, o Projeto NURC (Norma Urbana Falada Culta). Trata-se de um projeto nacional sobre a variante culta falada nas principais capitais brasileiras. Esse projeto foi, e continua a ser, um dos mais bem sucedidos da linguística brasileira e isso se deve à capacidade

de trabalho de nosso homenageado. Desde 1981, Dino Preti exerce a função de coordenador do NURC de São Paulo. Devido à perseverança, que lhe é característica, foram completadas as horas de gravação e iniciados os estudos. A partir de 1984, por insistência e idealismo do Prof. Dino Preti, houve a reorganização do Projeto. Consequência desse trabalho são as várias publicações com amostras do *corpus* e diversos estudos feitos a partir do material do NURC. O meio acadêmico atesta várias dissertações de Mestrado e inúmeras teses de Doutorado a partir do material do NURC. A coleção *Projetos Paralelos*, criada em 1993, caminha para o décimo primeiro volume.

Dino Preti também deu sua contribuição na área administrativa. Fez parte do Conselho do Departamento e substituiu, por várias ocasiões, o Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Também foi membro da Congregação da FFLCH e integrou diversas comissões. Uma de suas mais destacadas atuações no meio administrativo foi no cargo de Assistente Técnico da Coordenadoria de Atividades Culturais da USP, a extinta CODAC. Esse órgão encarregava-se de promover toda a vida cultural da universidade, funcionando como uma verdadeira secretaria de cultura da USP. Ocupou, por várias vezes, o cargo de Coordenador, em substituição ao titular, Prof. Dr. Erwin Theodor Rosenthal.

Foi, também, coordenador do programa de pós-graduação da área de Filologia e Língua Portuguesa.

TEMPO DE PARAR

A aposentaria na USP chegou em um momento de grande incerteza em relação à reforma da Previdência, contudo não significou estagnação na vida acadêmica do Prof. Dino Preti, pois continuou a orientar e ministrar cursos de pós-graduação e, frequentemente, ministra palestras aos alunos de graduação. Mesmo quando já não fazia mais parte do programa de pós-graduação da USP, ficou o vínculo do Projeto NURC. O projeto continua a ser o cordão umbilical que, ainda, segura Dino Preti à Universidade de São Paulo.

Depois da aposentadoria na USP, passou a fazer parte do quadro de professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde ministra cursos na graduação e na pós-graduação.

TEMPO DE COLHER

Fui buscar o significado do título de *Professor Emérito* e as possíveis justificativas para tal honraria. O título é conferido por uma entidade de ensino a docentes que atingiram alto grau de projeção no exercício de sua atividade acadêmica. É concedido, de forma rigorosa, àqueles profissionais que se destacaram em sua área de atuação, pela relevância e magnitude de sua produção e atividade científica, desfrutando de grande reconhecimento pela comunidade científica. Trata-se de uma honraria pelos relevantes serviços prestados à ciência e à instituição. Depois de ler tais justificativas, não tive dúvida alguma de que esta concessão era mais do que merecida.

TEMPO DE RECORDAR

Conheci o Prof. Dino nos idos de 1975. No último ano do curso de Letras, deparei-me com uma disciplina diferente: era a conhecida *Língua VII*. Chegara, enfim, um curso que me despertaria para trabalhar questões referentes à língua materna. Tratava-se de uma disciplina nova, com nova metodologia e estratégias instigantes. Depois de ouvir falar das relações entre literatura e sociedade, chegara o momento de entender a interface entre língua e sociedade. Assim, entrei em contato com as novidades concernentes ao estudo da língua falada. Aprendi a fazer gravações e transcrições. Ouvi falar de uma nova linha teórica, a Sociolinguística. Compreendi a importância dos estudos de variação linguística, os dialetos sociais, os socioletos, idioletos e níveis de linguagem. Comecei a folhear as gramáticas normativas com olhos críticos e entendi que nem sempre usamos a língua da mesma forma. É evidente que levei as novidades para as minhas aulas de Língua Portuguesa.

Fiquei tão entusiasmado com os estudos sobre língua falada, que cheguei a comprar uma pasta 007. Fiz as adaptações necessárias, coloquei dentro um gravador de fita K7 e comecei a fazer algumas gravações secretas para estudar situações reais de fala. Foram aquelas situações que me trouxeram de volta à universidade, me levaram ao Mestrado, ao Doutorado e ao concurso de ingresso na USP. Conheci, também, o Projeto NURC. Já formado, trabalhei como monitor do projeto e tive o privilégio de contribuir para o atual acervo do NURC de São Paulo, graças à motivação do Prof. Dino, que já se mostrava um grande incentivador dos estudos dessa nova disciplina. O NURC foi além das fronteiras linguísticas, pois ali pude estreitar o relacionamento com outra monitora, que veio a ser a minha esposa. Claro, tudo com a bênção e o entusiasmo de Dino Preti.

TEMPO DE PERSEVERAR

Em tudo que fez e, ainda faz, Dino Preti deixou e continua a deixar a sua marca: rigor e perseverança. Ainda me lembro da fisionomia do professor de 1975 quando algum aluno entrava atrasado na sala ou deixava a sala antes do término da aula. À primeira vista, o rigor com que pautava suas ações nos leva a pensar em uma pessoa dura e insensível. A convivência, no entanto, nos mostra o contrário, como nas antíteses do texto bíblico: há tempo de ser duro, mas há tempo de ser sensível. Vi Dino Preti pelear duro por determinadas causas e não sossegar enquanto não visse vitoriosas as suas convicções; vi, também, Dino Preti derramar lágrimas de emoção após a leitura de textos emotivos. Não tenho dúvida, estimado professor, que posso parodiar o poeta e dizer que tem um coração maior que o mundo, em que cabem o rigor, a perseverança dura, a intransigência diante da irregularidade, mas o coração doce e maleável das pessoas sensíveis, capazes de chorar diante de uma cena emocionante de um filme.

Sua honestidade vai além da amizade. Lembro-me de quando prestei meu primeiro concurso aqui na USP. Era seu orientando. Passei por várias etapas. Falta-me, apenas, a última, a prova didática. A minha aula coincidiria com um compromisso no exterior pelo colégio em que trabalhava. Dino Preti, presidente da banca,

não deu o famoso jeitinho para o seu orientando. Não *aliviou*, conforme se diz na linguagem gíria tão bem estudada por ele. Perdi aquele concurso, mas ficou a lição: a honestidade está acima das pessoas e das circunstâncias. Num tempo de tanta flexibilidade moral e de tanta relatividade no comportamento, colhemos o fruto de uma postura ilibada. A justiça e a honestidade sempre foram suas companheiras e sei que colheu frutos bem amargos por causa dessa coerência.

Esse seu jeito de ser preservou o acervo do NURC quando da invasão do antigo prédio do CRUSP, onde ficava a sede do Projeto. A sua perseverança não deixou que o NURC se limitasse às 360 horas de gravação. Dino Preti é possuidor de uma liderança firme e perseverante. Graças ao seu incentivo, o Projeto NURC é um dos mais produtivos aqui da universidade. Graças ao seu caráter, que não se deixou levar pela fogueira de vaidades, tem incentivado alunos e colegas. Graças à sua liderança, os estudos sobre gíria, sobre oralidade e sobre língua falada cresceram tanto no Brasil. Sei que esta sala seria pequena demais para abrigar aqueles que já se beneficiaram de sua generosidade.

TEMPO DE ENCERRAR

Deixei para o final, uma qualidade tão rara no ambiente acadêmico: a do verdadeiro mestre, aquele que tem a capacidade para reunir uma equipe e fazer discípulos. Tivemos, aqui, nesta universidade, mestres memoráveis. Quando foram embora, o nome, aos poucos, foi se apagando até desaparecer. Por causa dessa capacidade de formar discípulos, seu nome não se apagou quando entrou para o rol de aposentados e não será fácil deixar de reconhecer a importância de Dino Preti para a vida acadêmica da Universidade de São Paulo e, mais ainda, para a Linguística brasileira.

Estimado Mestre, esta homenagem lhe dará uma certeza: aquele simples aluno da Escola Rodrigues Alves deixou inúmeros discípulos no meio acadêmico brasileiro.

PROF. DR. LUIZ ANTÔNIO DA SILVA

PRONUNCIAMENTO POR OCASIÃO DO RECEBIMENTO DO TÍTULO DE PROF. EMÉRITO – USP - 2010

Exma. Sra. Profa.Dra. Sandra Margarida Nitrini, DD. Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Exmos. Srs. Professores Membros da Congregação desta Faculdade.

Prezados Colegas e Amigos

*I*nicialmente, gostaria de agradecer aos colegas da disciplina de Filologia e Língua Portuguesa que propuseram à Faculdade a outorga deste título honorífico. Da mesma maneira, à Diretoria, na pessoa da Prof^a Dr^a Sandra Margarida Nitrini, ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, dirigido pela Prof^a Ieda Maria Alves e aos membros da Congregação que referendaram a proposta.

O que poderia falar acerca dos trinta anos em que estive como professor da Universidade de São Paulo, 26 dos quais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas? Penso que deveria lembrar o ambiente em que desenvolvi meu trabalho, na docência e na pesquisa, e os colegas e amigos com quem convivi nesse tempo e que acreditaram em mim, em meu trabalho. Porque creio que esses fatores foram determinantes para os resultados obtidos e a razão pela qual a Egrégia Con-

gregação desta Faculdade, com muita generosidade, me concedeu a honraria que hoje recebo. Este é, pois, um momento de reconhecimento e agradecimento.

Vindo de um trabalho estafante diário no curso secundário e na universidade particular (a disciplina de Literatura Brasileira na Universidade Metodista Mackenzie), de repente, a partir de 1967, cheguei à Escola de Comunicações da USP e, pouco depois, em 1969, à Faculdade de Filosofia, em regime de dedicação integral. Vi-me com 6 horas de aulas semanais e todo o tempo para meus estudos, minhas pesquisas, meus livros, para a realização de meus trabalhos de grau. Enfim, para um trabalho consciente de complementação de minha carreira. Um paraíso que nunca imaginara pudesse existir na universidade brasileira...

Aqui, na Faculdade, na sala que dividia com os professores Rolando Morel Pinto e Felipe Jorge, ilustres mestres já falecidos, comecei a sentir os benefícios do tempo integral, para o qual me organizei com um expediente diário, que começava bem cedo e ia até as 5 ou 6 horas da tarde. E como passava rápido esse dia, no silêncio das salas do antigo CRUSP e, depois, no prédio atual, estudando, escrevendo, atualizando-me, convivendo com os colegas.

Não posso esquecer, neste momento, a grande contribuição que tive do saudoso Prof. Rolando Morel Pinto, meu orientador de doutorado, colega de disciplina, amigo, a quem devo o convite para a entrada na Universidade, na condição de seu assistente na Escola de Comunicações e Artes, em 1967. Mente aberta à discussão, professor de sólida formação de língua e literatura, foi um constante incentivador ao longo de minha carreira, não só nos quatro anos em que estive na ECA, mas principalmente no convívio diário na Faculdade de Filosofia, para a qual ambos nos transferimos, a convite do Prof. Segismundo Spina, responsável pela área de Filologia e Língua Portuguesa.

Referi-me ao Prof. Spina e não poderia deixar de lembrar aqui, também, sua participação decisiva em minha história na universidade. Tive a honra de ser seu aluno de Literatura Portuguesa e seu mestrando, nos cursos da antiga Faculdade, na

histórica e tão famosa rua Maria Antônia, um dos palcos dos grandes conflitos políticos , durante a ditadura militar.

Depois que me formara, eu havia perdido um contato freqüente com ele. Um dia, já professor da ECA, fui surpreendido por seu convite para fazer parte do grupo que dirigia na Faculdade de Filosofia, onde sucedera ao Prof. Silveira Bueno. Aceitei com entusiasmo.

Spina, homem de sólida formação humanística, ligado aos clássicos e à sua linguagem, pensei que não poderia permitir que eu criasse um curso ligado às minhas pesquisas da língua oral e aos registros mais populares, conforme já desenvolvia na ECA. Spina não só aceitou minha proposta como jamais colocou qualquer tipo de restrição ao meu trabalho. Pude, assim, ministrar cursos sobre variação lingüística e até sobre gíria, estudando textos de escritores modernos, de jornais e de outras mídias, durante toda minha permanência na disciplina de Filologia e Língua Portuguesa.

Essa sua atitude, muito representativa de um verdadeiro espírito acadêmico, foi decisiva no desenvolvimento de minhas pesquisas, na divulgação de minhas idéias, em livros, artigos, bem como em palestras e cursos que ministrei, praticamente em todo o Brasil. Devo-lhe, sem dúvida, esse apoio e uma grande parte desta honraria que hoje recebo, nesta Faculdade.

Aludi à minha produção científica, quer em livros, quer em artigos ou em cursos. Nas muitas vezes em que viajei a trabalho, pude sentir a importância da universidade em que trabalhava. O nome USP abriu-me as portas e serviu-me de apresentação em minhas excursões fora da cidade.

Em recente palestra que dei, aqui na Faculdade aos alunos de primeiro ano de Letras, no ano passado, lembrei desse fato e disse-lhes que eles deveriam conscientizar-se não somente de que eram agora alunos universitários, mas que eram alunos da USP, uma instituição acadêmica diferenciada na universidade brasileira. E que esse título, essa marca, iria acompanhá-los por toda a vida no magistério

ou qualquer outra profissão como um índice de qualidade profissional, que eles deveriam honrar desde os primeiros dias no seu curso de Letras.

Como professor revejo, hoje, esse caminho percorrido e constato como mudou o cenário universitário. Atravessei, por exemplo, no fim da década de sessenta, o momento das manifestações sociais e políticas estudantis: alunos marchando em passeata pelo *campus*, reivindicando, levantando a bandeira da liberdade democrática. Corríamos à janela da sala de aula para vê-los passar. Eram os “anos de chumbo” e a USP guarda tristes lembranças das pressões políticas, das batidas policiais, da censura. Mas, também, de sua perene e corajosa luta em prol da democracia. Sinto os alunos de hoje menos politizados, o que é uma pena...

Recordo, com emoção, a expectativa que tinha, todos os anos, pelo início das aulas, pelo conhecimento de novas turmas, pela renovação do contato com meus colegas e amigos. Pela volta à minha sala de trabalho, no silencioso ambiente do *campus*, propício ao estudo e à reflexão. Felizmente pude incorporar essa experiência em outra universidade, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, após aposentar-me.

Durante quase três décadas em que estive nesta universidade, procurei imprimir às minhas aulas uma atitude coerente que formei desde o início, no sentido de aproximar o ensino e a pesquisa universitária dos interesses da comunidade. Daí uma visão da língua em que se aproximava a fala comum da escrita, numa interação constante, analisando-se as marcas que a primeira deixava na variedade dos gêneros de discurso, desde a linguagem da mídia até a da literatura, em particular a dos diálogos literários. Desse convívio língua oral/ língua escrita resultaram duas decisivas e importantes atividades na minha carreira profissional, nas pesquisas lingüísticas e na aproximação da cultura popular.

A primeira, no início da década de 70, quando, juntamente com um colega da área de Linguística da Faculdade, o Prof. Dr. Izidoro Blikstein, trabalhei como assessor de ensino da Fundação Padre Anchieta, Canal 2, TV Educativa, desenvolvendo

o primeiro curso de Madureza Ginásial pela televisão, divulgado por todo o país, inclusive em telepostos nas fábricas e lugares de trabalho. Sua primeira aula inaugurou a televisão educativa de São Paulo. Nas aulas, fizemos experiências que reputo pioneiras no ensino, aproximando a língua oral da escrita, ensinando a teoria gramatical com base no uso linguístico oral. Essa programação educativa teve o apoio da Abril Cultural, que imprimiu os fascículos e os distribuiu pelas bancas de jornais de todo o país, numa grande divulgação.

A segunda participação, decisiva como suporte de minha atividade no ensino universitário, também se iniciou na década de 70, quando substituí o Prof. Isaac Nicolau Salum, coordenador, juntamente com o Prof. Ataliba Teixeira de Castilho do Projeto NURC (Projeto de estudo da norma linguística urbana culta) em São Paulo. O NURC/SP, hoje muito conhecido, investigava a linguagem oral dos falantes cultos na capital. Uma vez no Projeto, constituí com meus alunos de Letras da USP uma equipe e trabalhei ativamente, orientando as gravações, para completar o *corpus* de 316 horas que representa o material de pesquisa estudado e divulgado sobre a linguagem oral de falantes cultos selecionados, naturais da cidade de São Paulo. Até hoje, embora aposentado e trabalhando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ainda continuo atuando no Projeto, na coordenação de uma equipe de 12 professores e pesquisadores universitários, entre os quais devo mencionar os professores Marli Quadros Leite, vice-coordenadora, professora da área de Língua Portuguesa desta universidade; Hudinilson Urbano, Luiz Antônio da Silva, ex-orientandos e também professores da USP; Maria Lúcia da Cunha Vítório de Oliveira Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, também da USP; Diana Luz Pessoa de Barros, linguista desta universidade, hoje coordenadora da área de Linguística na Universidade Presbiteriana Mackenzie; Leonor Lopes Fávero, também linguista da USP, hoje coordenadora do programa de Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; além de José Gaston Hilgert, ex-orientando de doutorado da USP e professor da Universidade Metodista Mackenzie; Paulo de Tarso Galembeck, também ex-orientando da USP e professor da Universidade de Londrina; e, mais recentemente, Wilma Terezinha Liberato Gerab e Jahilda Lourenço de Almeida ex-mestrandas minhas na PUC/SP e hoje doutoras em Língua Portuguesa pela USP. Do

grupo já fez parte, entre outros, inclusive, a Prof^a. Dr^a. Ieda Maria Alves, da área de Língua Portuguesa e atual chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

Menciono essa integração entre ex-alunos e pesquisadores do NURC/SP porque ela, também, marca um objetivo de nosso trabalho: aproximar os alunos de pós-graduação da pesquisa da língua oral, o que, acredito, lhes tenha facilitado a compreensão e divulgação em suas aulas de uma abordagem mais moderna no ensino da língua portuguesa. E o que lhes serviu igualmente, suponho, para escreverem seus mestrados e doutorados.

Do Projeto NURC/SP já resultou a organização de duas coleções, uma com quatro livros de transcrições de entrevistas gravadas, denominada *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, já esgotada, utilizada por pós-graduandos de muitas universidades brasileiras e até no exterior. E outra com dez obras (e com a décima primeira em andamento), denominada *Projetos Paralelos – NURC/SP*. Trata-se de estudos críticos da equipe do Projeto, em particular sobre a interação entre fala e escrita. Para essa última coleção, vimos contando com o prestígio da Editora Humanitas, ligada à Faculdade de Filosofia, cujo apoio não posso deixar de mencionar aqui.

Do Projeto NURC/SP também resultou uma sólida amizade com o seu grupo de pesquisadores, a qual o tempo não conseguiu alterar e de que muito me orgulho.

Hoje, no momento em que recebo esta honraria da USP, devo confessar que, em fim de carreira, guardo uma lembrança muito carinhosa de meus colegas e amigos da universidade e de meus alunos, que vez ou outra encontro ou de quem tenho notícias. Tenho convicção de que devam ter compreendido meu trabalho ao longo desses anos. Eles constituíram o incentivo maior para a minha carreira, que vejo, hoje, generosamente recompensada por este título.

Falei em recompensa e reconhecimento...

Penso que este é o momento e o cenário também para uma reflexão. Parar e olhar o que foi feito para ajuizar sobre o sentido do caminho percorrido.

Fala-se muito sobre a profissão do professor, seus modestos lucros, seu excessivo trabalho, e até, às vezes, a falta de reconhecimento da comunidade e das instituições. Não estou aqui para alardear seus benefícios, idealizar ou criticar sua função social ou seu sentido humano.

Acho apenas que o ensino é mais que uma profissão. É um desígnio, um destino do homem, em todos os seus momentos de vida. A rigor, todos somos “professores”, pois estamos sempre ensinando alguma coisa a alguém. Aliás, ensinando e aprendendo. Todos os dias, a toda hora, alternamos nossa posição de “professores” e “alunos”. E seria oportuno nos perguntarmos se estamos realizando bem nosso ensino ou se aprendemos convenientemente a lição que outros nos transmitem, na escola da vida. A cobrança, ao contrário da sala de aula, é diária e constante. E o dia-a-dia pode transformar-nos também em eméritos ou lamentavelmente mal reconhecidos “professores”.

Na profissão, porém, temos alguns momentos em que nos sentimos realizados. Um simples reconhecimento, uma frase ou uma palavra de estímulo, um olhar de satisfação de nossos alunos fazem com que nos sintamos, momentaneamente, contentes e compensados.

Hoje, esta honraria que a Universidade me outorga é um sinal de reconhecimento que me leva a pensar que um trabalho foi realizado e os objetivos cumpridos. A lição foi dada e -sorte! - não foi ignorada.

Mas, este breve discurso, já afirmei antes, deveria ser mais de agradecimento e reconhecimento do que propriamente de rememoração de minha história aqui na Universidade. E esse agradecimento devo estender a meus familiares, minha esposa e filhos principalmente, que me deram o suporte imprescindível para a realização desse trabalho. Sei que eles, aqui presentes, devem estar usufruindo dessa homenagem até mais intensamente do que eu, certamente porque esse título também lhes pertence, como a meus amigos aqui da USP e de fora .

Hoje, com a irremediável passagem do tempo, sinto esse passado na USP cada vez mais distante e uma saudade, cada vez mais perto. Mas este título constitui uma marca indelével de que houve um momento em minha vida acadêmica que vale a pena sempre lembrar.

Muito obrigado a todos, pela presença.

DINO PRETI

USP

Universidade de São Paulo



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Serviço de Comunicação Social

Serviço de Artes Gráficas